

Nesta edição:

Indicadores rurais:	
Bovinos de corte	1
Relações de troca	1
Outras categorias	2
Vacinas	2
Texto Técnico	3
Produtor rural em foco	6
Custos insumos pecuários	7
Semana da Pecuária	8

O Boletim da Pecuária é um projeto de extensão rural desenvolvido por acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da UNIPAMPA, Campus de Uruguaiana, com supervisão de docentes e com apoio institucional da Associação e Sindicato Rural de Uruguaiana.

Para críticas e/ou sugestões, entre em contato:

Telefone
(55) 9693-2785

E-mail
noitedapecuaria@gmail.com

Contamos com a sua
colaboração!

INFORMAÇÃO DE QUALIDADE PARA O PRODUTOR RURAL DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

O Boletim da Pecuária tem por objetivo proporcionar aos produtores rurais de Uruguaiana (RS) e região um informativo mensal com dados de mercado e informações para orientá-los no suporte à toma de decisão.

INDICADORES RURAIS – BOVINOCULTURA DE CORTE

	Unidade	Preço 30 Dias (R\$)	Dólar ¹ (US\$)
Boi Gordo	Kg Vivo	4,20 – 4,60	1,90 – 2,08
	Carcaça	8,74 – 9,20	-
Terneiro	Kg Vivo	4,50 – 4,80	2,04 – 2,17
Novilho sobreano	Kg Vivo	4,30 – 4,40	1,94 – 1,99
Novilha sobreano	Kg Vivo	4,00 – 4,10	1,81 – 1,85
Vaca Gorda	Kg Vivo	3,80 – 4,45	1,72 – 2,01
	Carcaça	8,00 – 8,45	-
Vaca de Invernar	Kg Vivo	3,40	1,54

Coleta de preços realizada nos dias 01 e 02 de julho de 2014 diretamente com corretores e pecuaristas.

¹ Um (1) Dólar americano = R\$ 2,21 (Banco Central do Brasil em 02/07/2014).

BONIFICAÇÕES - Frigoríficos

- Entre 1 a 10% sobre o preço negociado;
- Pagamento por cabeça;
- Variáveis:
 - (*) Idade (dentição) e sexo;
 - (*) peso de carcaça;
 - (*) padrão racial;
 - (*) rastreabilidade;
 - (*) grau de acabamento.

RELAÇÕES DE TROCA

Boi Gordo² x Terneiro³	2,5
Boi Gordo² x Kg Sal Mineral (65 P)	1.125
Boi Gordo² x ml Antibiótico (Oxitetraciclina)	13.200
Boi Gordo² x Ton Uréia	1.8
Boi Gordo² x Salário Mínimo Nacional	2,7
Boi Gordo² x Kg Ração (18% PB)	1.768

² Boi de 450 Kg de Peso Vivo = R\$ 1.980,00 (R\$ 4,40/Kg);

³ Terneiro desmamado, de 7-8 meses, 170 Kg = 790,50 (R\$ 4,65/Kg);

INDICADORES RURAIS – OUTRAS CATEGORIAS

OVINOS			
	Unidade	Preço (R\$)	Dólar (US\$)
Cordeiro	Kg Vivo	4,50	2,03
	Carçaça	9,00	4,03
Ovelha	Kg Vivo	3,50	1,58
	Carçaça	7,00	3,16
Lã Merino	Kg	11,50	5,02
Lã Amerinada	Kg	10,50	4,75
Lã Prima A	Kg	9,50	4,30
Lã Prima B	Kg	8,00	3,62
Lã Cruza 1	Kg	7,50	3,40
Lã Cruza 2	Kg	7,00	3,16
Lã Cruza Branco	Kg	4,00	1,81
Lã Cruza Preto	Kg	3,00	1,35
BOVINOS DE LEITE			
Leite	Litro	1,04	-

Coleta de preços realizada nos dias 01 e 02 de julho de 2014 diretamente com corretores e pecuaristas.

VACINAS

	Unidade	Preço (R\$)
Brucelose	Dose	1,22
Clostridioses	Dose	0,58
Febre Aftosa	Dose	1,29
Leptospirose	Dose	0,82
Raiva (Bov/Equ)	Dose	1,00
IBR/BVD	Dose	4,63
Carbúnculo Hemático	Dose	0,56
Encefalomielite Equina, Tétano e Influenza Equina	Dose	38,00
Encefalomielite Equina	Dose	-
Foot Rot	Dose	1,44

Coleta de preços realizada no dia 30 de junho de 2014. Média dos preços de estabelecimentos comerciais localizados no município de Uruguai/RS.

Representante

Presence
nutrição animal

VIACAMPO
Produtos Veterinários

RUA SANTANA, 3472
FONE 34021710 / 99901710
viacampo@hotmail.com

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

O que é anemia infecciosa equina - AIE?

É uma das principais doenças dos equídeos, que pode comprometer o desempenho do animal. Conhecida mundialmente como febre do Pântano, a AIE é uma doença incurável que pode provocar febre, anemia, emagrecimento e até a morte.

A AIE pode manifestar-se de três formas: aguda, crônica e inaparente, sendo a última a mais perigosa, pois os animais têm a doença, mas são aparentemente saudáveis.

A transmissão da AIE ocorre por meio de contato do sangue de um animal infectado com o sangue de um animal saudável, através de utensílios como agulhas, freios, esporas, cabrestros, entre outros, ou por meio de picadas de insetos como mutucas e moscas do estábulo.

Como você pode colaborar para evitar a AIE:

- ✓ Providencie o cadastro da sua propriedade rural junto à Inspetoria Veterinária e Zootécnica do seu município e mantenha todos os animais cadastrados;
- ✓ Comunique a Inspetoria Veterinária e Zootécnica sobre qualquer suspeita em caso de AIE;
- ✓ Não adquira animais sem o resultado negativo para AIE;
- ✓ Exija que eventos só permitam o ingresso de equinos com o resultado negativo para a AIE;
- ✓ Lembre-se que não existe tratamento ou vacina para a AIE e que a lei determina o sacrifício dos animais positivos.

O exame de AIE tem validade de 60 dias a partir da data de coleta da amostra.

Somente é permitido o trânsito de equídeos quando acompanhados da Guia de Transito animal (GTA) e do resultado negativo do exame de AIE.

Essas ações estão previstas no Programa de Sanidade Equina e são coordenadas nacionalmente pelo MAPA e no Rio Grande do Sul pela SEAPA.

“Invista na prevenção, não espere a doença chegar; a saúde preventiva faz bem às pessoas, aos animais e ao meio ambiente.”

CRITÉRIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE IATF EM VACAS DE CORTE

Autor: Guilherme de Medeiros Bastos – Professor do curso de Medicina Veterinária da UNIPAMPA – Campus Uruguiana.

E-mail: guilhermebastos.unipampa@gmail.com

A inseminação artificial em gado de corte, outrora realizada apenas em novilhas e vacas solteiras (falhadas da temporada reprodutiva anterior), era realizada por um prático treinado, em dois turnos ao dia de detecção de cio e inseminação, perfazendo um período ininterrupto de 45 dias. Pesquisas realizadas nos últimos 15 anos, com relevante contribuição de pesquisadores brasileiros, possibilitaram um maior entendimento da regulação hormonal do crescimento folicular e manipulação do ciclo estral, os quais possibilitaram o desenvolvimento de protocolos hormonais capazes de sincronizar e induzir a ovulação de um lote de animais e, desta forma, concentrar a inseminação artificial em dia e hora pré-estabelecidos, sendo esta biotécnica denominada inseminação artificial em tempo fixo (IATF). Isso possibilitou que o manejo e a prática da inseminação se transferissem para o médico veterinário, abrindo mais uma alternativa de prestação de serviços. Além disso, várias empresas da indústria farmacêutica veterinária perceberam o potencial deste mercado, e deste interesse surgiu uma ampla oferta comercial de implantes vaginais e hormônios injetáveis.

A IATF é uma excelente ferramenta que auxilia o produtor a racionalizar o manejo reprodutivo do gado de cria, pois possibilita reduzir, significativamente, a temporada reprodutiva, com reflexos positivos na concentração de nascimentos dos terneiros no início da temporada de parição, resultando em uniformidade do lote e maior peso médio a desmama. Também proporciona maiores chances de repetição de cria (principalmente para vacas primíparas), pois ao parirem no início da estação de partos, terão mais tempo para recuperação pós-parto e maiores chances de tornarem-se prenhes, novamente, no início da estação reprodutiva (entoure ou inseminação) estabelecida na propriedade. Outra vantagem é o fato da IATF proporcionar que as vacas fiquem prenhes através da inseminação e não do entoure, o que aumenta as chances de ganho genético no rebanho.

O resultado médio de prenhez esperado em um lote de vacas submetidas à IATF é de 50%, o que caracteriza um bom resultado se considerarmos que metade das vacas ficam prenhes com apenas uma inseminação, feita em um único dia e sem a necessidade do manejo de detecção de cios. Muitas vezes o pecuarista alega que este resultado é

insatisfatório, uma vez que o gado de cria da sua propriedade atinge 80% ou mais de prenhez. Entretanto, deve-se considerar que a grande maioria das propriedades possui uma temporada reprodutiva (entoure) de 90 dias ou mais e que a vaca manifesta cio, em média, a cada 21 dias. Desta forma, a vaca, teoricamente, apresenta vários cios e tem várias chances de resultar prenhe na temporada reprodutiva, ou seja, o percentual de 80% citado pelo pecuarista é cumulativo e não o resultado de apenas um cio de cada vaca.

Não obstante, tem-se notado que os resultados abaixo de 50% de prenhez têm sido mais frequentes na IATF. Ao ser questionado quanto ao resultado de prenhez da IATF no seu gado, o pecuarista comumente responde entre 80 e 90%. Esta resposta é incorreta e origina-se do fato do produtor ser orientado a iniciar o repasse da inseminação com os touros alguns dias após a IATF, e o diagnóstico de prenhez é realizado a partir de 60 dias da inseminação, de maneira que se torna difícil, pelas técnicas utilizadas, diferenciar as vacas prenhes da IATF e aquelas do repasse com os touros, passando a assumir, o pecuarista, que “todas as vacas prenhes são resultado da IATF”. O manejo correto seria soltar os touros para repasse 15 dias após a IATF e realizar a ultrassonografia para diagnóstico de prenhez entre 30 e 35 dias mais tarde. Desta forma, as vacas que por ventura já tenham sido cobertas pelos touros e que estejam prenhes ainda não vão apresentar, no exame ultrassonográfico, imagem compatível com prenhez. Um segundo exame ultrassonográfico poderá ser realizado a partir de 30 dias da retirada dos touros do rodeio, a fim de diagnosticar as vacas prenhes do repasse e, aí sim, torna-se possível calcular o percentual cumulativo de prenhez entre a IATF e o repasse com os touros.

Alguns critérios são indispensáveis ao se planejar e executar um programa de IATF. O primeiro deles é a escolha do veterinário que irá conduzir o serviço. O correto seria eleger um profissional com comprovada experiência e “resultados reais” em propriedades da região. O segundo critério é avaliar o manejo do gado de cria na propriedade. Se a mesma apresenta limitados índices reprodutivos com o manejo que pratica, então possivelmente não seja, ainda, o momento de instituir um programa de IATF. O terceiro critério é avaliar a oferta de pasto (o campo) onde as vacas irão permanecer e ser manejadas. Atualmente isso ainda é negligenciado, mas é sabido, há décadas, que “ruminante para emprenhar tem que estar ganhando peso” ou na pior das hipóteses em condições de manter a condição corporal. Vacas com cria ao pé geralmente estão perdendo peso no pós-parto nas condições de criação a campo nativo. Mesmo assim, se lhes é ofertada a condição de perder pouco peso ou manter o peso enquanto amamentam os terneiros (uma alternativa é o diferimento de campo), esta categoria

(vaca com cria ao pé) é a que obtêm os melhores resultados de prenhez quando submetida à IATF em comparação às novilhas e vacas solteiras falhadas na temporada reprodutiva anterior (a menos que estas últimas estejam solteiras e falhadas devido a carência nutricional severa durante a amamentação que coincidiu com a temporada reprodutiva anterior). Alguns acreditam que a aplicação dos hormônios do protocolo de IATF “corrige os erros de manejo nutricional” e, por isso, vêm na IATF uma alternativa para “emprenhar as vacas magras” e evitar maiores prejuízos; ledô engano!

O quarto critério é selecionar as vacas pela condição corporal, sendo que aquelas com escore abaixo de 2,5 (escala de 1 a 5, onde 1 é a vaca muito magra e 5 a obesa) devem ser excluídas do programa de IATF, restando alternativas como o desmame precoce dos terneiros, por exemplo. Feito isso, o quinto critério é a palpação retal de todas as vacas para eliminar as que já estão prenhes. É comum o relato de que “vacas protocoladas abortam no momento da IATF”. Naquelas vazias, deve-se avaliar, por palpação retal (requer experiência), a funcionalidade genital de cada vaca a fim de predizer se ela tem chances de resultar prenhe na IATF. A partir deste ponto já se sabe o número exato de vacas que serão submetidas ao protocolo hormonal e deve ser agendada uma data para o início do protocolo, levando em consideração a data prevista para a IATF. Todo manejo sanitário como vermifugação, tratamento carrapaticida ou vacinação deve ser realizado antes do início do protocolo hormonal, evitando-se qualquer manejo adicional no período compreendido entre a IATF e o diagnóstico de gestação.

O sexto critério é a aquisição do sêmen. Deve-se buscar informações e dar preferência para o sêmen de touros com resultado de prenhez satisfatório quando utilizado na IATF. A aquisição de sêmen congelado de pelo menos três touros diferentes tende a proporcionar resultado de prenhez mais consistente, pois equilibra o resultado médio de prenhez caso o sêmen de algum dos touros apresente resultado abaixo do esperado.

O sétimo critério é a escolha do protocolo hormonal. Quanto à IATF, existem protocolos de três e quatro manejos e o resultado de prenhez tende a ser semelhante entre eles, mas na maioria das vezes abaixo de 50% nas condições de manejo a campo nativo no RS. O protocolo de inseminação artificial com detecção de estro (cio) e em tempo fixo (IAETF) desenvolvido por Bastos et al. (2004) resultou em 22% a mais de prenhez que o protocolo tradicional de IATF de 4 manejos (Siqueira et al., 2008) e tende a resultar em, pelo menos, 16% a mais de prenhez que os protocolos tradicionais de IATF (dados pessoais não publicados) quando aplicado em **Bos taurus**, por envolver dois turnos de detecção de cio, seguidos de inseminação (aproximadamente 50% das vacas são inseminadas

12hs após o cio detectado) e, as que não manifestam cio recebem injeção para induzir a ovulação e são submetidas à IATF (outra metade das vacas), proporcionando inseminar a maioria das vacas em um momento mais propício em relação à ovulação. Alguns fatores limitantes dificultam a adoção da IAETF em maior escala, dentre eles a necessidade do desmame temporário dos terneiros e a disponibilidade de mão de obra treinada para a detecção de cios. Deve-se atentar quanto à reutilização de implantes vaginais (exceto monodose) no tocante à sua higienização após o uso, armazenamento e número de vezes que são reutilizados, pois há relatos de vacas que manifestam cio durante o período em que permanecem com os dispositivos vaginais, o que resulta em drástica redução no resultado de prenhez.

O oitavo critério diz respeito aos recursos humanos. É fundamental que o veterinário execute todas as etapas, desde a seleção do gado até a inseminação propriamente dita. Comumente a aplicação dos hormônios é delegada aos funcionários da fazenda, os quais desconhecem a importância da aplicação no dia e hora programados, e tendem a fazê-lo no menor tempo possível com reflexos negativos no resultado final. Outros cuidados como o tempo e a temperatura de descongelamento do sêmen, a experiência do veterinário inseminador e o número de vacas inseminadas por turno são igualmente determinantes do resultado final.

O cálculo da viabilidade econômica da IATF em comparação a utilização de touros (entoure) é relativamente complexo e deve levar em consideração vários aspectos, alguns deles ocasionalmente negligenciados por aqueles que são mais adeptos de uma ou outra alternativa reprodutiva. Via de regra, acredita-se que a IATF apresenta um custo ligeiramente inferior e, às vezes, semelhante ao entoure, porém seguramente proporciona vantagens diretas como a redução da temporada reprodutiva e a padronização em idade e peso dos terneiros, assim como vantagens mais difíceis de aferir, porém igualmente relevantes como, por exemplo, a maior facilidade de aceleração no melhoramento genético do rebanho (através do sêmen congelado de touros com maior valor genético e comercial que os comumente utilizados no entoure), com reflexo na produtividade em carne e lucratividade final da empresa rural.

Com base nessas informações, pode-se concluir que a IATF (e a IAETF) é uma importante ferramenta de manejo reprodutivo. Entretanto, é uma tecnologia cujo sucesso depende de vários fatores, onde a falha em um deles é capaz de influenciar negativamente o resultado, acarretando frustração por parte do pecuarista. Infelizmente, uma parcela significativa das propriedades

que trabalham com gado de cria ainda não detém registros mínimos e/ou infraestrutura de apoio ao manejo reprodutivo (vacas sem brinco, cercas e mangueira rudimentares, mão de obra indiferente ou contrária à tecnologia, etc...) para a adoção da IATF. Neste sentido, o técnico e o produtor devem se conscientizar que implementá-la nestas condições resulta, na maioria das vezes, em insucesso e frustração.

Referências Bibliográficas:

Bastos, G.M.; Brenner, R.H.; Willke, F.W. et al. Hormonal induction of ovulation and artificial insemination in suckled beef cows under nutritional stress. **Theriogenology**, v.62, p.847-853, 2004.

Siqueira, L.C.; Oliveira, J.F.C.; Loguércio, R.S. et al. Sistemas de inseminação artificial em dois dias com observação de estro ou em tempo fixo para vacas de corte amamentando. **Ciência Rural**, v.38, n.2, p.411-415, 2008.

PREÇOS FIRMES NA BOVINOCULTURA DE CORTE: INVESTIR OU REAVALIAR O PLANEJAMENTO?

Autor: Ricardo Pedroso Oaigen – Professor do curso de Medicina Veterinária da UNIPAMPA – Campus Uruguiana.

E-mail: oaigenricardo@terra.com.br

A produção de bovinos de corte é muito expressiva no Rio Grande do Sul, em especial na Fronteira Oeste, com a alta dos preços do boi gordo neste ano de 2014 e com a forte valorização dos animais de reposição, sobretudo dos terneiros, podemos afirmar que o setor está passando por um momento muito promissor, apesar da forte pressão agrícola.

No entanto, nestes momentos em que o mercado encontra-se aquecido cabe uma reflexão: devemos investir na atividade ou reavaliarmos nosso plano de negócios? Este mesmo questionamento fiz para alguns profissionais que atuam na bovinocultura de corte, seguem suas respostas:

...ambas as opções são complementares, não são excludentes. Devemos analisar o plano de negócios (que já deveria existir) e então decidir se investimos ou realizamos. Há fortes evidências de que o crédito vai escassear e as taxas de juros aumentarão. Crescimento realizado na base de endividamento é perigoso...

...no caso específico da pecuária o investimento é do próprio caixa e poucos tomam capital emprestado,

ainda que existam muitas linhas para isso. Então, se o preço do boi está alto, claro que toda cadeia reage. Se a atividade em análise é de resultado no curto prazo, sim o investimento deve ser feito agora. Mas se ela for de longo prazo, como na cria, por exemplo, a análise deve ser feita com base nos preços médios do terneiro e talvez a equação decisória não seja tão positiva como no caso de uma engorda...

...antes vou definir meu conceito para investimento, que é aporte de fator capital ao processo produtivo a ser recomposto em mais de um ciclo de produção. Diferente de custeio que é o aporte de capital a ser recomposto em apenas um ciclo de produção.

Tenho observado que os investimentos efetuados quando o produtor está capitalizado costumam ser alavancados, ou seja, em um valor maior do que o capital efetivamente disponível, gerando um passivo a ser amortizado com uma perspectiva especulativa que o futuro será igual ou melhor que o presente. Outro fator que tenho observado é que esse processo ocorre de forma generalizada que por sua vez gera uma pressão de demanda, o que gera elevação de preços e aumento de custos, por conseguinte, uma maior necessidade de alavancagem e um passivo maior a ser assumido pelo produtor. De forma bem objetiva, entendo que nos momentos em que a atividade está remunerando melhor deve ser analisada a possibilidade de maior aporte em custeio, aproveitando as margens dilatadas, já investimentos serão provavelmente mais interessantes em momentos com margens menores ou até mesmo negativas, visto que haverá menor pressão de demanda e possivelmente queda real de preço em ativos como máquinas e terras. Seria aquela máxima de comprar na baixa e vender na alta....

Creio que esta reflexão deva ser feita por todos os pecuaristas que estão “pensando” no futuro do seu negócio. Ferramentas gerenciais como planejamento estratégico, fluxo de caixa, P-D-C-A, capacidade de investimento, indicadores de projetos (VPL, TIR, payback, entre outros) devem ser utilizadas para subsidiar o produtor rural antes da TOMADA DE DECISÃO.

Momentos de euforia muitas vezes nos levam a tomar decisões equivocadas, como por exemplo, investir na alta, quando se fala de bolsa de valores. Porém se a gestão da empresa rural for bem ajustada, existirão subsídios para que o gestor não se arrependa de um investimento realizado.

Nessa edição conversamos com o Sr. Antônio Martins Bastos Filho, proprietário da Cabanha São Bibiano, localizada em Uruguaiana/RS. A São Bibiano trabalha com bovinos de corte das raças Angus e Brangus, cavalos Crioulos e ovinos das raças Corriedale e Ideal.

Fale sobre a história da propriedade:

“Vem de um início familiar desde 1900, estamos já por cinco gerações na propriedade, entre herdeiros e sucessores. Assumi a administração da propriedade em 1961, logo após me formar em Medicina Veterinária na UFRGS, meu pai tinha falecido e eu com 21 anos assumi. Sou a 4ª geração, comecei na década de 60 e até hoje permaneço na administração, mas já tendendo a delegar a meus sucessores.”

Como surgiu o nome da propriedade?

“É uma homenagem ao meu avô Bibiano. Quando meus pais assumiram a propriedade decidiram lhe homenagear e como na época era costume nomear tudo com nomes de santos, decidiram colocar o São na frente de Bibiano.”

Fale sobre a sua trajetória como criador de bovinos e equinos e o porquê da escolha das raças que trabalha:

“Quando eu assumi havia duas raças de bovinos na propriedade, a raça Shorthorn e a raça Angus. A criação de Shorthorn era como uma moda na época, mas já havia predomínio do Angus. Sobre a minha avaliação técnica vi que o Angus produzia mais e se adaptava mais ao calor, então em 1967 eu fiz a liquidação do gado Shorthorn e comecei a criar somente Angus. Em 1970 houve interesse do Brasil central em gado de origem europeia ou raças sintéticas que se adaptassem ao clima, então começaram a aparecer raças como Brangus e Braford. Passei a me interessar pelo Brangus, que seria interessante a venda de reprodutores, por ser uma raça que tem cruza com zebuínos, mais tolerante ao calor do nosso verão. Eu comecei criando Brangus quando a raça era chamada de I-Bagé.

Hoje perduro com as 2 raças, o Angus e o Brangus quase paralelas em condições numéricas, pois o Brangus tem um mercado no Brasil central e ainda tende a se expandir e tem o diferencial que é a variabilidade genética. Mas pra ter o Brangus tem que ter o Angus. Mantemos o Angus até porque é a base. Com o crioulo meu pai começou em 1932, exatamente quando abriram os registros da raça crioula, selecionando os melhores animais. Temos 82 anos de história de crioulos, quando eu assumi já tínhamos um plantel estabelecido e levei isso adiante, hoje com menos força. Já fui muito atuante, sendo um dos fundadores do freio de ouro e por muitas vezes jurado.”

Faça uma análise do mercado da carne bovina no Brasil e exterior:

“Vejo mais segurança no futuro da atividade do

que há hoje. O Brasil se tornou um dos maiores produtores e exportadores de carne do mundo e não perderemos este posto devido ao baixos custos de produção em relação a outros países, mas ainda nos falta qualidade para o negócio remunerar melhor e isso depende da capacidade de cada produtor. O futuro é promissor, estamos com a produção bem organizada e embora a agricultura esteja avançando, remunerando bem e reduzindo as áreas da pecuária, podemos aumentar a produtividade, intensificar a produção. Temos que ter eficiência produtiva para aumentarmos a lucratividade. Aceitar as mudanças e estar sempre buscando aprendizado.”

Qual a principal inovação da pecuária nos últimos anos?

“O definitivo na pecuária é o manejo que inclui parte técnica e cálculos de viabilidade econômica. Dentro da propriedade é a irrigação, porque o clima não podemos controlar. Porém, exige alto investimento e por isso é necessário cautela, lembrando que cada sistema de produção é diferente.”

Quais os desafios da bovinocultura e equinocultura?

“O Crioulo é a raça dominante aqui, já atingiu seus objetivos, se expandiu e a expectativa é que continue crescendo, mas em contrapartida o perfil do criador mudou muito e hoje quem sobrevive da atividade tem que avaliar bem para produzir um animal de qualidade e comercializar sem ter prejuízo. Para a bovinocultura, existe um mercado atraente, mas temos que produzir com eficiência, aumentar a produtividade e rentabilidade, avaliar custos e receitas. Tem gente que não sabe o que ganha produzindo, não faz contas e acaba saindo da atividade, é a lei da sobrevivência, precisamos avaliar qual o melhor retorno econômico”

Como avalia a integração entre os pecuaristas?

“Bom, há uma grande tendência de aumentarmos essa integração, hoje existe os CITEs para troca de experiência que alguns pecuaristas participam, mas em geral temos que melhorar essa tendência e trocarmos mais experiência.”

Deixe uma mensagem para quem esta começando na atividade:

“O horizonte da atividade é bom, o futuro é promissor, mas digo e repito, temos que ter eficiência, fazer contas e buscar conhecimento.”



Produto	Unidade	Preço (R\$)
Sal Mineral – 40 P	Kg	1,37
Sal Mineral – 65 P	Kg	1,76
Sal Mineral – 80 P	Kg	2,07
Sal Proteinado – 35 PB	Kg	1,65
Sal Proteinado – 45 PB	Kg	1,85
Adubo NPK – 8:20:20	Ton	1.250,00
Adubo NPK – 5:20:20	Ton	1.240,00
Adubo MAP	Ton	1.270,00
Adubo DAP	Ton	1.300,00
Dessecante	Litro	18,75
Uréia – 45:0:0	Ton	1.125,00
Brincos de Identificação – Bovinos	Unidade	1,15
Brincos de Identificação - Ovinos	Unidade	0,70
Ração Desmame de terneiros – 18% PB	Kg	1,12
Ração Manutenção – 12% PB	Kg	0,88
Ração Terminação – 14% PB	Kg	0,91
Ração Equinos	Kg	1,14
Antibiótico – Oxitetraciclina	ml	0,15
Vermífugo Albendazole 15% (injetável)	ml	0,06
Vermífugo Albendazole (Oral)	ml	0,03
Vermífugo Doramectina (injetável)	ml	0,28
Vermífugo Equinos - Ivermectina	Seringa (pasta)	7,50
Vermífugo Febendazole	Seringa (pasta)	7,00
Pamoato de Pirantel - Equinos	Seringa (pasta)	9,65
Abamectina 1% (Injetável)	ml	0,04
Oxifendazole	ml	0,04
Levamisole (Injetável)	ml	0,06
Levamisole (Oral)	ml	0,03
Diclofenaco sódico	ml	0,37
Benzilpenicilinas (Pencivet)	ml	0,58
Antidiarréico	ml	0,46
Soro Glicosado	Litro	9,03
Soro antitetânico	Dose	9,96
Mata-Bicheira Spray Prata 500 ml – Ectoparasitário	Frasco	16,54
Mata-Bicheira Líquido - Ectoparasitário	Frasco	5,81
Semente Aveia	Kg	1,40
Semente Azevém – Ciclo Longo	Kg	3,50
Semente Azevém – Ciclo Curto	Kg	3,05
Isolador (Cerca Elétrica) – Tipo E	Unidade	0,81
Arame Liso	Metro	0,25
Oléo Diesel	Litro	2,20

Coleta de preços realizada no dia 30 de junho de 2014. Média dos preços de estabelecimentos comerciais localizados no município de Uruguaiana – RS.

NOITE DA PECUÁRIA

A 5ª Noite da Pecuária ocorreu no dia 02 de junho, onde o Dr. Lucas Ferriani, executivo comercial da Minerva Foods, palestrou sobre “Tendências de mercado para a carne bovina”.

Na ocasião, falou sobre a demanda crescente de alimentos no mundo e como o Brasil pode aproveitar essa oportunidade. O país é o maior exportador de e um dos maiores produtores de carne bovina do mundo, sendo um dos responsáveis por produzir proteína de origem animal para toda a população mundial. No entanto é fundamental produzir com qualidade, não só para o consumo interno como também para exportação. Oportunidade que o Brasil pode “abraçar” através da melhora dos índices zootécnicos e consequente aumento da produtividade, que pode ser obtida através do uso de tecnologias, por exemplo. Também falou sobre os desafios que antigamente a atividade enfrentava, onde a produtividade era baixa devido as condições sanitárias e nutricionais inadequadas do rebanho, existindo hoje técnicas a disposição do pecuarista para melhoria dos indicadores de eficiência.

Comentou sobre as premissas da pecuária brasileira, em produzir de forma sustentável, em áreas menores, ou seja, com maior eficiência. Além disso, falou sobre a maior exigência dos consumidores, que buscam uma carne de maior qualidade, onde o produto é produzido levando em consideração o bem-estar animal, o controle de resíduos e cuidados nos fatores pré-abate como transporte e desembarque. Para finalizar, ressaltou que atualmente, o aumento da produtividade e da qualidade da carne pode ser alcançado através da implantação de pontos de controle ao longo da cadeia produtiva, seja no âmbito genético, na sanidade, no manejo, nutrição, comercialização, na indústria, varejo e também na gestão de pessoas.

SEMANA DA PECUÁRIA

A Semana da Pecuária ocorreu de 02 a 07 de junho de 2014, concentrando eventos relacionados à pecuária na região, proporcionando aos acadêmicos, profissionais da área, produtores e colaboradores rurais da região ambientes de aprendizado e discussões muito produtivas.

A abertura ocorreu na segunda, com a 5ª Noite da Pecuária. Na 3ª feira pela manhã houve um dia de campo em bovinocultura de corte na Cabanha UMBU do Dr. Angelo Tellechea, que teve apoio da empresa Alltech. Na 4ª feira pela manhã ocorreu outro dia de campo, dessa vez na Estância São Miguel do Sr. Alti Ceratti na área de bovinos de leite com apoio da Tortuga CIA Zootécnica Agrária. Cerca de 200 participantes estiveram presentes nos dias de campo, entre estudantes, produtores da região e profissionais.

Nos dias 05, 06 e 07 de junho ocorreu o II Workshop em Bovinos, na UNIPAMPA, que contou com mostra científica e palestras técnicas nas áreas de reprodução animal, mercado e rastreabilidade da carne bovina, patologia veterinária e bovinos de leite. Houve também cursos teórico-práticos em casqueamento e correção de aprumos em bovinos e congelamento de sêmen bovino. O II Workshop foi organizado pelo grupo PET do curso de veterinária da Unipampa/Uruguaiana.

No sábado, dia 07, no encerramento da Semana da Pecuária, houve um Curso para Colaboradores Rurais na Pastoreil. Ocorreram palestras ministradas pelo Dr. Júlio Barcellos e pelo Dr. Leonardo Canellas do NESPRO (UFRGS) no turno da manhã e pelo Dr. Ricardo Oaigen e Dra. Gisélida Baquini no turno da tarde. Cerca de 50 colaboradores rurais participaram.

Abaixo seguem alguns momentos da semana da pecuária:

